

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 59
22 de maio de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria tomar esta aula para completar alguns tópicos, que talvez sejam separados, mas que serão, sem dúvida, úteis para a compreensão de tudo o que eu já disse antes.

Em primeiro lugar, eu queria explicar a vocês porque eu deposei tantos *links* de canções de música *country* no Seminário. Parece ser uma coisa de diversão e no texto de apresentação inicial eu coloquei a coisa até de uma maneira mais humorística, mas eu não estou dando ponto sem nó: eu sei o que estou fazendo. Inclusive agora acrescentei uma nova lista, com umas 30 canções, e o motivo de colocar isto para vocês é o seguinte: ter uma bela coleção de melodias na cabeça é uma das boas maneiras de você captar, de algum modo, o seu próprio ritmo interior, a sua própria melodia interior, e viver mais diretamente conectado com a dimensão mais profunda da sua personalidade.

Para isto, lamentavelmente, a música clássica não serve, porque a música clássica se define sobretudo pela sua estrutura e pela sua ordem. Ela é uma espécie de música de segundo grau, que vai usar certas melodias primárias apenas como matéria-prima para construção de estruturas mais complexas. Quando se ouve música clássica, você tem que entrar no roteiro que ela está determinando. Ela segue certa ordem e você tem que acompanhar aquela ordem. No caso, eu estou me referindo mais à melodia separada; a uma enorme coleção de melodias separadas que você vá se lembrando durante todo o dia, conforme o seu estado, conforme o que lhe pareça necessário para se defender de um ambiente todo composto de banalidades e *small talking*, como se diz aqui nos Estados Unidos. Isto o ajuda muito a ter certo senso de continuidade interior. A apreensão da continuidade é um elemento extremamente importante para a descoberta e fortalecimento da sua personalidade intelectual.

Na aula em que mencionei aquele exercício da alma imortal, pode-se ver que o elemento mais importante ali é o fato de você se apreender como existência constante. Você adquire um senso de uma continuidade que transcende a própria continuidade das sensações físicas recebidas. Desde o começo do curso eu insisto nisto e gostaria que vocês sempre prestassem atenção neste ponto: todas as sensações que nós recebemos do mundo exterior e do nosso mundo corporal são totalmente

descontínuas e picotadas. Sobretudo as percepções visuais são entrecortadas, porque você pisca e porque o olho não para. O olho humano só apreende um ponto de cada vez. Em torno desse ponto, cria uma espécie de aura, e esta aura é a percepção que você tem do conjunto. Do mesmo modo na percepção auditiva: se um som continua por alguns minutos você o perde completamente, não o percebe mais. Todas as nossas sensações: as sensações tácteis talvez mais breves ainda; as sensações gustativas, e assim por diante. Nenhuma das nossas sensações dura.

O fato de este material recebido pelos sentidos ser todo fragmentário e atomístico foi o que levou o famoso Kant a supor que há algo em nós que unifica estas percepções e “constrói com elas” um mundo exterior. Kant não estava de todo errado. Ele só estava errado ao achar que o que produz esta mágica é apenas uma espécie de regra do jogo que está por baixo de toda a nossa vida mental. Regra de jogo que ele chama de “*formas a priori*”. *A priori* porque são anteriores à experiência, embora só apareçam no decurso dela. Você só toma consciência delas no decurso da experiência, e até depois dela, mediante a análise do que se passou. Então ele vai dizer das formas *a priori* da percepção, que são espaço e tempo; e das formas *a priori* do raciocínio, que são as categorias, princípios lógicos, etc.

De modo que ele – Kant – não está totalmente errado ao dizer que nós unificamos, de algum modo, a percepção do mundo exterior. Ele está errado ao achar que isto é um processo mental. Um sujeito que só existe mentalmente, que só existe para seu próprio pensamento, teria uma existência ainda mais tênue do que a das percepções do mundo exterior. Se o mundo das sensações é constituído de pontos atomísticos, então, para unificá-los, é necessário que você penetre numa outra esfera de *ser* mais profunda e mais contínua. Isto não pode se passar simplesmente na mente, porque a mente também é uma coisa que acontece na vida. Pensar é apenas um elemento do conjunto de experiências que nós temos, então não é possível encontrar esta força unificadora numa esfera puramente cognitiva. Tem que ser numa esfera ontológica. Não um *conhecimento*, mas um *ser*, efetivamente. Não uma forma de conhecer, mas uma forma de ser. Para compreender este processo só tem um jeito: você descobrir, por baixo de sua experiência diária, uma esfera de ser que seja mais duradoura e mais contínua; e isto é exatamente o que aparece naquela experiência que nós chamamos da alma imortal.

A alma imortal subentende a possibilidade de um conhecimento que transcende, não só o pensamento humano, não só o pensar, mas transcende os próprios órgãos dos sentidos. Para ilustrar isto eu mencionei os casos de percepções obtidas em estado de morte clínica, mas nós não precisamos ir tão longe, porque há uma experiência banal que nos dá imediatamente o conhecimento disto: a audição de música.

No famoso livro *Sound and Symbol*, do grande musicólogo e filósofo Victor Zuckerkandl, o autor levanta o problema da surdez tonal: as pessoas que percebem os vários sons, mas não são capazes de reconhecer a melodia. Até comentei num artigo do Diário do Comércio que certas experiências recentes tinham demonstrado que o Victor Zuckerkandl tinha muito mais razão do que ele imaginava, porque os cientistas mediram reações cerebrais em várias pessoas com audição normal e com surdez tonal, e notaram que não havia a menor diferença nas reações cerebrais de um e de outro. Ou seja: as áreas do cérebro que eram ativadas quando uma pessoa normal ouvia as melodias eram exatamente as mesmas e funcionavam do mesmo jeito que nas pessoas que tinham surdez tonal. Isso significa que o reconhecimento de melodia, definitivamente, não é cerebral. É um mistério – nós não sabemos como é que se dá! O fato é que isto não é sintetizado no cérebro. É sintetizado onde? É sintetizado na sua pessoa. No processo do conhecer, quem conhece não é seu corpo, não é sua alma, não são suas percepções, é você! Nós não vamos caminhar nenhum passo na compreensão do ser-humano se nós começarmos por dissolver a unidade do próprio objeto que estamos estudando e achar que eu posso

decompor esse fato, essa pessoa que é o meu “eu”, nos seus elementos constitutivos — memória, linguagem, pensamento, etc. — [10:00] querendo que estes elementos separados, que me compõem, me expliquem, de algum modo, quando sou eu que tenho que explicá-los, evidentemente. Na simples audição de uma melodia manifesta-se a unidade do seu “eu”, a unidade da sua pessoa. Não a unidade do ‘eu histórico’.

No Curso de Filosofia da Ciência que ministrei na semana passada, eu enfatizei muito essa ideia de que nós temos um *eu histórico*: que é aquele “eu” que nós conscientemente reconhecemos e do qual nós falamos para nós mesmos; nós temos um *eu social*: que é aquela parcela que é comum entre eu e aqueles que me conhecem — aquilo que eu sei de mim e que ao mesmo tempo as outras pessoas sabem, ou pelo menos têm a possibilidade de saber; e existe um *eu substantivo*. Este *eu substantivo* não há como se contar a história dele, porque toda a história está no *eu narrativo*, e o *eu narrativo* é uma parte do *eu substantivo*. Uma parte ínfima. O *eu substantivo* é aquilo que você efetivamente é, e do qual você só toma consciência quando percebe a continuidade da sua cognição e da sua existência para além de toda experiência física.

Ora, a música é uma maneira muito simples de se fazer isso. Durante todo o tempo em que se ouve música está-se unificando elementos num nível que já não é corporal, mas, no entanto, abrange o corporal, porque se você não tem um corpo, você não ouve as notas. O aporte corporal é unificado num plano mais alto. Este plano mais alto o que é? É você mesmo! Isto que dizer que a pessoa humana, o verdadeiro “eu” humano, não é decomponível: ele pode ser analisado, mas não decomposto. Tudo aquilo que o compõe tem de estar junto e é unificado num plano superior que na verdade é indizível, e esse indizível o que é? É você mesmo.

Às vezes fico assustado de ver como se tornou normal na nossa cultura as pessoas procederem como se elas não existissem; como se elas fossem apenas aglomerados de elementos. Às vezes elas dizem “corpo e alma”, “matéria e espírito”, ou então dão os nomes das várias faculdades cognitivas: “memória”, “linguagem”, etc. e querem que isso as explique. Não é possível explicar o todo apenas pela enumeração das partes, porque depois que você enumera as partes você tem que dizer qual o fator unificante, e esse fator não é uma função, não é uma faculdade, não é uma parte: é exatamente aquilo que se chama “eu”. O “eu” tomado na sua totalidade e abrangendo também o *eu narrativo* e o *eu social*. Esse “eu” profundo, verdadeiro e constante aparece, por exemplo, na experiência da confissão, como em Santo Agostinho, em que o “eu” se coloca perante o Observador Onisciente e, quanto mais ele vai falando de si, mais ele descobre a respeito de si. A narrativa não abrange o “eu”, ao contrário, o “eu” abrange a narrativa: estou contado uma coisa e no mesmo instante fico sabendo de mais coisa que não estava na narrativa, e isto acontece nitidamente nas Confissões do Santo Agostinho. Esse confronto da pessoa com o Observador Onisciente tem esse efeito; e ali você não tem outra saída senão reconhecer que você é um elemento não redutível às suas partes ou aspectos. No entanto raríssimas pessoas têm uma ideia consciente desse verdadeiro “eu” no qual elas consistem. Ou elas falam de si, mencionando apenas suas partes, ou, às vezes, reduzindo-se às suas partes. O indivíduo, por exemplo, que acredita que é o cérebro dele que compõe o seu “eu”, ele está primeiro se reduzindo ao *eu narrativo*, e, em segundo lugar, reduzindo este *eu narrativo* a uma função neuroquímica, sendo que até hoje não se descobriu nenhuma, nenhuma, nenhuma relação entre qualquer fenômeno neuroquímico e a consciência. Nunca se descobriu e nunca se descobrirá. Porque os fenômenos neuroquímicos são justamente aspectos, são partes, que esse “eu” unifica.

Ao longo do séc. XX muita gente se queixou da fragmentação da imagem do mundo, da fragmentação das consciências etc., mas, não há como parar essa fragmentação se, em primeiro lugar, você não

decretar que você simplesmente existe como um ser perfeitamente real, perfeitamente contínuo, e que não pode ser conhecido como objeto. Só pode ser conhecido, de fato, como sujeito agente. De modo que qualquer quantidade de informações que você colete sobre você mesmo — seja de experiência da vida, seja em livros de psicologia etc. — pode ajudar ou atrapalhar. Ajuda se você entender que tudo aquilo é elemento.

Na metafísica vedantina existe aquela famosa prática de você perguntar “quem sou eu?”. E você vai analisando parte por parte, e conclui: *eu não sou minhas sensações, eu não sou minha memória* etc., e no fim chegará à conclusão que você é o Brahma. Isto está totalmente errado porque você não é o Brahma. Não é e nunca será! Essa análise vai bem até certo ponto: superando as sucessivas decomposições do “eu”, ela dá um salto em seguida para uma unidade absoluta. Isto, na verdade, é fugir do problema, porque entre esses vários elementos separados que compõem a psique e a unidade absoluta, tem que ter alguma coisa, tem que ter um intermediário. E esse intermediário é o que chamamos a alma imortal humana. Em termos bíblicos, é isto que Deus quer dizer quando fala: “Eu te conheci desde antes da criação do mundo”. Ele pode falar isso para cada um de nós, e isto é a nossa verdadeira unidade. É claro que este “eu” assim concebido existe para muito além da existência física, para muito além das funções neuro-cerebrais e das funções psíquicas que nos compõem. Dito de outro modo: não há outra maneira de nós nos conhecermos senão quando encaramos a nós mesmos como sujeitos agentes, num plano que não é totalmente de eternidade, mas é de perenidade. É na perenidade, ou eviternidade, que nós existimos. Nós não existimos na eternidade porque nós fomos criados. Eterno é o incriado: que nunca foi criado e sempre existiu. Nós fomos criados: temos começo, mas não temos fim, e isso é o que se chama perenidade ou eviternidade. É lá que nós estamos; e é lá que está o nosso verdadeiro ser, e é só ali que podemos captar isso.

Na vida diária, com toda esta fragmentação de estímulos que se recebe do ambiente, e entre toda a sua própria confusão e fragmentariedade interior, partindo disso, temos que criar alguns artificios para nos ajudar a tomar consciência desta nossa verdadeira realidade. Tudo aquilo que nos dê um senso de continuidade no tempo é bom para isto, assim como tudo o que nos dê um senso de totalidade da existência, lembrando sempre que tudo isso são imagens, são figuras de linguagem. [20:00]

Há muito tempo eu uso esse recurso da coleção de melodias, e estou 24 horas por dia passando alguma melodia na minha cabeça. Se o que acontece em torno pode se integrar na melodia que eu estou recordando, muito bem, se não pode, eu aumento o volume da melodia e não presto atenção no que está acontecendo em volta. Este é o truque. Não são todas as melodias que servem para isso, porque toda música folclórica, popular etc. têm certos aspectos morais ligados a ela; então, a melodia que tenha sido composta sem um sentido moral aceitável não serve para nós e por isso eu dou muito mais importância a melodias de tipo folclórico — ou popular no sentido estrito — e não à música industrial. Aliás, uma das coisas que ficam mais claras na experiência que estou tendo com a música popular aqui nos Estados Unidos é a diferença brutal entre a música *country* genuína e, ou à sua versão industrializada, ou à música industrializada em geral. Os grandes compositores e cantores *country*, todos eles, falavam da sua experiência real: a música tinha um sentido narrativo muito forte! Na música industrial já não é isto: é uma imitação, é uma segunda versão disso feita para um propósito industrial-comercial específico. Propósito que os primeiros compositores já não tinham. De certo modo, eles compunham para si mesmos, e para seu grupo de amigos, e só em segundo lugar aquilo chegava a um público. É muito interessante acompanhar a vida de alguns desses compositores da música *country*: muitos deles se conheciam, eram amigos, e de certo modo eles compunham uns para os outros, ou para si mesmos, e, é claro, apresentavam um show, mas o show era o mesmo círculo social ampliado, e esse público captava instantaneamente essa emoção, esse sentimento que eles estavam passando como se fizessem

parte disso. De certo modo era a voz de todo o povo que ecoava nas mentes daqueles compositores. Hoje em dia não se encontra mais isso. O sistema da chamada indústria cultural tomou conta e ela dita as normas, não só em função daquilo que lhe parece ser aceitável por um público que é concebido como espécie de média estatística e não como uma vivência real, mas às vezes em função de certas alterações de comportamento que eles querem induzir nesse público, ou seja, a música é usada como instrumento de manipulação e de engenharia social.

Praticamente hoje é só isso que se encontra. No cinema é a mesma coisa: hoje dificilmente se faz um filme que não seja pura engenharia social. Esse material é veneno puro, e consumir essa coisa é realmente se imbecilizar. Principalmente quando aparece algum filme que parece ter um sentido esotérico muito profundo, aí é que a imbecilidade vai mais fundo. Um dia uns amigos meus me chamaram para assistir ao filme *Matrix*, e eles estavam deslumbrados com o filme como se fosse uma revelação. Eu assisti os 15 primeiros minutos e não aguentei mais, porque ali era um mundo falso, mas era um mundo falso tão completo, tão completo que, por exemplo, um sujeito lhe dava uma banana, tinha aparência de banana, gosto de banana, polpa de banana, nascia num terreno onde se planta bananeira, mas era tudo falso. Era a imitação completa! Aí eu pensei: eu não posso assistir a uma coisa dessas! A ideia de imitação completa é em si contraditória e eu não posso ficar impressionado com uma coisa que eu sei que é autocontraditória e que jamais acontecerá em nenhum mundo concebível. Se há um problema no mundo que não existe é esse: criar um mundo de sensações físicas, totalmente falsificado, vinte quatro horas por dia! Posso me preocupar com tudo, menos com isso: o diabo é poderoso, mas não tanto! Assisti uns 15 minutos daquilo e chegou uma hora em que eu falei: *“não, isso aqui é realmente para retardado mental!”*

Tal como o tal do Exterminador do Futuro, que voltava para o passado para alterar o seu próprio futuro, sem se preocupar com o que acontecia durante essa transição. Onde estava a transição? A transição ocorreu no futuro, no presente ou no passado? Os camaradas não esclareciam nem isso. Aquela narrativa não tinha aquela conexão, aquela continuidade temporal mínima necessária para criar nem mesmo a mais remota impressão de verossimilhança. Então eu olhava aquilo e falava *“como que as pessoas podem se emocionar com uma narrativa que está dizendo para você: ‘eu não posso acontecer, nem neste mundo, nem em qualquer outro mundo existente ou por existir’?”*

Acontecia o seguinte: elas se emocionavam com cenas isoladas, e criavam outra conexão que existia só na mente delas. De certo modo a narrativa estava sugando as energias interiores daquelas pessoas. Assista a três filmes desse e você já está idiota! A não ser que você rememore a experiência e perceba o que se passou e como você foi ludibriado.

Com a música também acontece a mesma coisa, com muita frequência! Então, eu fiquei muito feliz quando descobri esse manancial da música *country* americana porque é uma música muito límpida, feita apenas de emoções humanas genuínas, primárias, por assim dizer, e onde não vi até agora nenhum elemento de falsificação ou de manipulação. Quando você ouve, por exemplo, o Faron Young cantando sobre a mulher que não quer mais falar com ele, e ele diz: *“ela não quer me magoar, mas ela não consegue dizer: eu te amo”*, a gente sabe que ele viveu isso, é parte da biografia dele, aconteceu mesmo. Não tem falsificação! Por isso eu achei que essas melodias são úteis para isso. O que é preciso conservar na memória não é a interpretação, mas somente a melodia, como se você a estivesse cantando, ou assobiando. E você fazer a sua coleção. Isto não é um senso de continuidade, mas ajuda a pegar o senso de continuidade. E, sobretudo, isto é uma defesa extraordinária contra a banalidade do ambiente.

Um elemento muito importante para a formação de uma pessoa intelectualmente preparada é ela conseguir certa independência em relação ao ambiente psíquico em torno: não se deixar levar pelas solicitações, pelo magnetismo de estímulos que irão só banalizar e fragmentar a sua atenção. É você recusar atenção ao que não interessa: isto é muitíssimo importante! Como faz um filósofo, um grande romancista, ou um grande escritor? É fácil perceber: quando se lê um Balzac ou um Dostoiévski percebe-se que eles tinham mundos inteiros dentro de si; a imaginação deles abrangia, às vezes, mais do que seu círculo de experiência. Como se consegue isto? Consegue-se abrindo um espaço interior que consiga abranger e transcender a experiência externa. [30:00] O mundo interior dessas pessoas é bem maior do que o ambiente social em que eles estão. Isto quer dizer também que experiências que foram vividas em outras épocas, em outros lugares, e que são absolutamente inacessíveis na experiência real hoje, tornam-se acessíveis a você.

Como, por exemplo, compreender os diálogos platônicos? O Paul Freedländer já nos deu o exemplo de como se faz isto: você vai se transpor imaginativamente àquela experiência; você vai vivenciar aquele diálogo, tornando-se um dos discípulos de Platão. Você vai ver como sentiu – você só pode fazer isso pela imaginação, porque eles todos já morreram e o único documento que sobrou foram os textos dos Diálogos. Você vai encenar aqueles diálogos como se fosse um teatro, na sua mente. Não faça como na USP, que é pegar o texto e analisar – isso você pode fazer também, mas depois que você tiver preenchido aquela leitura com os elementos imaginativos. Se fizer antes, você estará secando o material, e você cairá numa espécie de intelectualismo masturbatório que não leva a lugar nenhum e que é profundamente insatisfatório. Como as pessoas que praticam isso sentem que é insatisfatório e que não resolve nada, então elas têm que valorizar aquilo socialmente, dando a impressão de que é uma atividade intelectual muitíssimo importante e cheia de um treco que eles chamam de “rigor”. Mas é claro que tudo isso é teatro de segunda categoria; é teatro mambembe! A verdadeira leitura de Platão, ou de qualquer autor da antiguidade, começa com esta participação imaginária profunda. Esta imaginação pode em seguida, ser completada, pela investigação histórica.

Quando o Freedländer busca algumas informações no campo histórico para completar a sua experiência da leitura, ele está partindo da sua experiência imaginativa e depois é que ele está calçando aquilo na realidade dos fatos. Nunca ao contrário! Nunca primeiro a investigação filológica ou análise de texto etc. Nunca! Para isto você precisa ter uma imaginação possante, capaz de se desligar do imediato. Mas desligar-se sem se alienar dele: você não pode viver no mundo da lua! Trata-se de você integrar a experiência momentânea, muito banal, num mundo maior. Mas se você sente que o meio imediato o está oprimindo, e você quer fugir dele, aí você está lascado! Não se trata de fugir: trata-se de engoli-lo e transformá-lo em outra coisa.

Essa coisa das canções serve muito bem para isto: para você ligar-se ou desligar-se do ambiente conforme você sinta que os estímulos são úteis ou inúteis. Você tem que se colocar, não como uma pobre vítima que está sendo levada daqui para lá pelos estímulos do ambiente, mas como o presidente de uma multinacional que não recebe qualquer um na sala dele. *“Você quer falar comigo? Então você tem que passar pela secretária, pelo relações públicas, e daí vou ver se lhe dou atenção. Estou sabendo que você está aí solicitando minha atenção, mas não vou recebe-lo sem um sério motivo”*. A solicitação de atenção é uma coisa que pode destruir a sua vida intelectual por completo. E, se você se sentir como um bichinho acuado e tentar fugir para um mundo de sonhos, aí é que ela vai persegui-lo. Você deve ter uma espécie de soberania sobre esta coisa. Não tema! Se você for capaz de fazer isto sem magoar as pessoas, então você é um artista. Em geral, poucas pessoas são.

Eu estou lendo uma biografia de Ezra Pound, que só conseguia defender seu mundo interior sendo mal-educado. E Ezra Pound era um gênio! Não era qualquer um! Mas ele não tinha esta habilidade de recusar atenção sem que as pessoas percebessem. Eu tenho. Nesse ponto eu sou superior a Ezra Pound. Eu posso estar com uma pessoa por duas horas e não prestar atenção numa única palavra do que ela está dizendo. A pessoa não percebe e acha que eu estou interessadíssimo. Eu desenvolvi isso quando eu comecei a ir para a escola: eu estava na cama e minha mãe ia me acordar e eu conversava com ela: eu fingia que estava acordado, mas estava dormindo. E ela ficava crente que eu já tinha acordado, mas eu estava no último sono.

Quer dizer: cada um invente os recursos que puder, mas sempre busque a continuidade da sua melodia interior. Sem isto você não vai conseguir se defender. Mais ainda: como você vive no Brasil e o ambiente brasileiro é só banalidade — é uma coisa de sanguessuga: todo mundo é um sanguessuga de atenção no Brasil, para qualquer mesquinha. Por exemplo: eu conheço pessoas que adoram conversar sobre doenças: *“ah, eu tenho tantas pontes de safena, sofri um AVC”*, e esperam que a gente preste atenção nessa porcaria! Outros vêm nos contar suas realizações no campo erótico... Coisas desse tipo! Basta você ligar a televisão no Brasil e pronto: você recebe uma inundação dessas coisas. Não há nada, nada, nada que preste! Se você fala: *“Bom, então eu vou para a universidade, para um ambiente mais civilizado”*. E o que eles vão lhe dar lá? Vão lhe dar... Como aquela menininha, naquele filme *“400 contra 1”*, baseado no livro do William Lima da Silva, que era o chefe do Comando Vermelho: aparece lá uma atriz dando entrevista: *“não, porque aqui a gente vive no mundo da classe média carioca, mas daí eu li os livros do fulaninho de tal, que mostram toda esta coisa do banditismo — foi um outro mundo que eu descobri!”* Ela acha que, por descobrir o narcotráfico, ela teve uma ampliação cultural absolutamente formidável! E eu me lembro de que desde os anos 40 há pessoas que passam por essa experiência: descobrem que existe o banditismo em torno, mas não percebem que o banditismo também faz parte da própria banalidade em torno. Você adquiriu uma ampliação do seu horizonte sociológico, adquirindo informações que, no fim, não tem importância nenhuma. Se você pensar o que são esses 50 mil brasileiros que morrem por ano! É a repetição banal de uma realidade macabra. O macabro se tornou banal, também. Eu não creio que essa penetração nas misérias sociais seja efetivamente uma ampliação da inteligência, porque ela se constitui apenas de dados homogêneos. Milhões de cigarros de maconha ou pacotinhos de cocaína não contêm nenhuma informação a mais além do primeiro cigarro de maconha ou do primeiro pacotinho de cocaína. São informações desse tipo a que você tem acesso nas universidades. Eles vão lhe fazer uma absorção de banalidades disfarçada de tomada de consciência. Alguns até chamam essa porcaria de *“conscientização”*. Como não há acréscimo qualitativo, não há ampliação nenhuma. Você está apenas tomando nota de mais fatos banais que não significam grande coisa. [0:40]

Isso não acontece, por exemplo, quando você lê um diálogo de Platão, porque ele vai inaugurar possibilidades cognitivas que você não sabia, antes, ser capaz. Ele não está dando fatos do mesmo plano, mas está levando a outro plano aonde todos os fatos parecem transfigurados, e é esta experiência que você tem que ter. Mas na universidade brasileira você é capaz de transformar até um texto de Platão numa investigação de banalidades.

Nos últimos 30 ou 40 anos começaram a aparecer milhares de livros onde a obra dos poetas ou dos filósofos é diretamente associada à sua vida sexual, real ou suposta. Eu acho que qualquer investigação da vida sexual alheia é sempre suposta. Se há uma coisa que ninguém fica sabendo, na verdade, é isso. Você pode ouvir falar alguma coisa, especular... E o mais incrível é as pessoas acharem que a vida sexual é o centro de construção da personalidade: o que é uma coisa realmente impossível. Se há uma coisa impossível, é essa! Mas, as pessoas apelam para o Dr. Freud, e o máximo que eu posso dizer dele

é que ele era um sujeito inconsciente, idiota, um cara que não tinha a mais mínima autoconsciência, e que inventava coisas para justificar uma mitologia pessoal dentro da qual ele viveu. De certo modo, para justificar que comia a cunhada. Então, em matéria de conhecimento da alma humana o Dr. Freud não é nenhuma autoridade. Embora alguns fatos que ele tenha observado de fato existam, mas não quer dizer nada.

Também em função do mesmo problema — já que eu estava falando da biografia do Pound — O Pound esteve na cadeia durante 12 anos sem nenhuma acusação formal, sem nenhum processo. Até hoje não se sabe exatamente o que ele estava fazendo lá. E todo dia ele recebia visitas. Perguntaram a ele o que ele conversava com as visitas. Daí ele respondeu com uma citação latina — que eu acho que é de Vergílio, mas não tenho certeza —: “*de litteris et de armis, praestantibusque ingeniis*”; quer dizer: “de letras, de armas e de gênios formidáveis”. São as únicas coisas sobre as quais as pessoas inteligentes devem conversar. As conversas também são extremamente importantes para isso. Se no seu círculo imediato você não tem com quem conversar de letras, de armas e de gênios formidáveis, não converse sobre nada. Vá para a internet e converse com seus companheiros do Seminário de Filosofia sobre alguma coisa que preste. Se bem que, no próprio fórum do Seminário, eu vi gente baixando o nível da conversa. Baixar o nível não quer dizer falar palavrão, falar coisa feia. Não é disto que estou falando. Falo do ponto de vista da moral banal. O que no Brasil se chama de “nível” é outra coisa. “Alto nível” no Brasil significa fingimento de polidez. Também não é disto que estou falando! Estou falando da substância dos assuntos discutidos. O indivíduo que entra no fórum do seminário para vir com *small talking*, pelo amor de Deus! *Small talking* você pode ter com o homem do posto de gasolina, com a sua empregada, e assim por diante. Eu vou dizer uma coisa muito séria para vocês, mas muito, muito séria: *small talking* é proibido. Um homem de estudos nunca faz *small talking*. O que quer que diga, mesmo que pareça *small talking*, deve estar carregado de uma segunda, de uma terceira camada de sentido e tem que ser algo que esteja enriquecendo realmente a convivência. Infelizmente, no Brasil, há muito tempo não se tem esse tipo de diálogo. Ou você tem só o *small talking*, ou você tem um fingimento de vida intelectual, no nível universitário, puramente profissional. Que é exatamente o que você pode encontrar em pessoas da USP. Mas, sinceramente, eu não conheço nesse meio universitário brasileiro, nunca conheci, uma única pessoa capaz de manter conversas como as que eu mantinha com o Bruno Tolentino, que era exatamente isto: “*de litteris et de armis, praestantibusque ingeniis*”. Era só isto o que nós falávamos o tempo todo. Mesmo quando estávamos fazendo piada, era isto! Eu tive a felicidade de ter esse contato com o Bruno, embora por pouco tempo, e de poder saber o que é uma conversa verdadeiramente civilizada entre pessoas de estudos. Mas isto não se vê no Brasil, porque o elemento fundamental dessa conversa é a sinceridade. É que ela seja um depoimento efetivo do que se passa na alma e é necessário que todos os elementos culturalmente assimilados — de literatura, de história etc. — tenham se transformado em vivências interiores. Não pode ser só um negócio externo. O Bruno decorou milhares de poesias. Milhares! Assim como estou sugerindo que vocês ouçam estas canções, ele tinha poesias europeias inteiras. Acho que ele leu tudo que interessava, e de tudo o que ele leu, ele guardou de memória pelo menos 20%. Então, isto se incorporou na alma dele. Havia aspectos na alma do Bruno que eram, por exemplo, Saint-John Perse, que eram Eugenio Montale, que eram Ungaretti. Eram dimensões internas da alma dele! Mediante esses poemas ele se dizia; ele se mostrava para mim através dos poemas decorados, quando não dos próprios poemas dele. Isto é conversa de intelectual, e sem isto não dá para fazer nada! Você é capaz de imaginar, por exemplo, São Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno conversando de banalidades, de besteiras, e perdendo tempo com isso? É impossível de se imaginar!

O *small talking* é uma forma de parasitismo. É uma coisa vampíresca! E às vezes as pessoas mantêm isto porque elas acham que as pessoas esperam que elas façam exatamente isto. Se você não tem nada

valioso para falar, fique quieto. Eu acho que é inteiramente normal pessoas que são amigas, que gostam muito uma da outra, ficarem quietas. Está aqui a Isabela, que é minha testemunha. Ela vinha trabalhar no meu escritório, ela fica lá, eu fico aqui, cada três horas sai uma palavrinha, e ela nunca ficou brava comigo porque eu não falava nada. Essa ansiedade de falar, esse temor do silêncio, isto corrompe as pessoas.

Esses dias o Padre Paulo Ricardo esteve aqui, na minha casa. Nós não tivemos um momento de *small talking*: tudo que nós estávamos falando, mesmo que fosse muito engraçado, era mortalmente sério, porque eram os nossos destinos eternos que estavam sendo discutidos. [50:00] Do mesmo modo que eu sugiro que vocês absorvam e decorem centenas ou milhares de melodias, façam a mesma coisa com poemas. Qualquer trecho lido que diga alguma coisa à sua alma, guarde aquilo como uma preciosidade, porque é uma maneira de você se expressar. Às vezes um autor disse com tanto vigor certas coisas que estão muito próximas de nós e que nós não conseguiríamos dizer melhor. Uma vez eu pedi ao Bruno Tolentino uma definição de poesia. Ele disse: “poesia é uma maneira memorável de dizer”. Tome a palavra “memorável”, não só no sentido de elogio, mas no sentido de “aquilo que se deve guardar na memória”. Ter inúmeros poemas dançando na sua cabeça criam para você instrumentos de expressão que um dia podem ser enormemente úteis, não só para a resolução de problemas filosóficos, mas para a expressão da sua experiência.

Daí vem o tópico seguinte desta aula:

Um dia, estávamos num restaurante: eu, o Padre Paulo Ricardo, a nossa amiga Michelle e a professora Margarita, mãe da Michelle, e surgiu aquele famoso problema do “sexo fora do casamento”. Eu nunca entendi o que essa expressão quer dizer. Porque, se o casamento é um sacramento, e quem oficia o matrimônio não é o sacerdote, mas são os próprios noivos, na hora em que você foi para a cama com a dona você casou com ela automaticamente, embora você não saiba. Então, não existe sexo fora do casamento. Só existem casamento e adultério. Então, você fez um primeiro casamento e, depois, fez uma sucessão memorável de adultérios.

Todos estavam tentando expressar qual é a diferença entre o sexo fora e o sexo dentro do casamento. Surgiram, então, as expressões padronizadas, que são: o “sexo por prazer” e o “sexo com algum significado”. E eu interferi, dizendo exatamente o que vou dizer para vocês agora: nenhum ato humano é sem significado. Não está nos poderes humanos fazer algo que escape do reino semântico. Não existe isso! Qualquer coisa que você faça, por mais mínima que seja, significa algo; remete a alguma outra coisa. Sempre! Então não é possível esse negócio do sexo por prazer.

O que acontece é que as pessoas têm uma experiência e elas não sabem expressar aquela experiência e, então, elas apelam para um estereótipo. Como a palavra prazer entrou em circulação desde que o Dr. Freud inventou o *princípio do prazer*, então as pessoas dizem: “ah, é por prazer”. Mas não é possível um indivíduo ter a mais mínima excitação sexual por desejo de prazer. Isto é impossível! Prazer é um conceito abstrato, e conceitos abstratos não excitam ninguém. Quando você sente uma excitação sexual é em relação a um objeto real. Pode ser um objeto fisicamente presente, ou imaginário, se você for um masturbador compulsivo. Mas este objeto imaginário não é um conceito abstrato: é alguma pessoa, alguma situação. O que as pessoas buscam no sexo? Elas buscam este objeto, e não o prazer. O prazer é o nome que elas dão a um conjunto de sensações que acompanham aquilo, mas o objetivo não é o prazer; o objetivo é aquele objeto mesmo. Sexo por prazer é uma expressão metonímica que designa a coisa por um efeito subjetivo remoto, e não pela substância dela. Se as pessoas não conseguem nem expressar experiências mais simples, quanto mais será difícil para elas expressar o que é a experiência

sexual. Então elas acabam usando metáforas, metonímias, e tomam estas coisas como realidade. Então, tem o sexo por prazer e o sexo por não-sei-o-quê. Sexo por prazer nunca existiu; nunca, jamais! A não ser que o sujeito pense no conceito de prazer e fique excitado com isso. É uma perversão nova que eu acabo de inventar: o sujeito lê no dicionário: “prazer”, e ele começa a ficar tarado... Isto nunca aconteceu e suponho que nunca tenha acontecido com ninguém!

Até hoje tanta gente fala de sexo, de amor, de prazer, de casamento, mas eu nunca vi até hoje ninguém descrever exatamente o que é a experiência sexual. Não são capazes de descrever a experiência. E quando você não consegue descrever a experiência, você a troca por alguma palavra estereotipada e você imagina que as pessoas estão entendendo. Então, as pessoas se comunicam através de uma espécie de código, onde, de certo modo, cada um reconhece do que o outro está falando sem precisar expressá-lo. Só que este modo de comunicação é extremamente problemático, porque o conteúdo verbal que você depois pode associar a estas experiências pode ser completamente inadequado e parar longe da realidade. É exatamente o que acontece neste assunto em particular.

O que a pessoa está procurando no ato sexual? Não é o que ela está procurando: o que ela está fazendo realmente? Então, eu tenho na cabeça uma descrição fenomenológica da experiência. Em primeiro lugar, qualquer ato sexual, seja bom, mal, lícito, ilícito, normal, pervertido, tenha você a opinião que tenha, ele é sempre a busca de um contato. Sem contato não há sexo. Pode até ser um contato imaginário, mas se não houver a expectativa desse contato não há excitação alguma. Se o sujeito começar a pensar assim: eu estou aqui sozinho, trancado no meu banheiro, não há ninguém aqui além de mim mesmo, e eu não estou nem mesmo conseguindo pensar numa mulher pelada, num objeto qualquer... Daí simplesmente acabou o sexo! Quer dizer: mesmo o sexo solitário implica um contato. O contato é o primeiro elemento.

Este contato rompe a sua solidão corporal. Cada um de nós se sente isolado no seu corpo, e esta é uma situação realmente insuportável. Se tudo o que você experimenta no mundo viesse apenas do seu corpo, você seria a criatura mais solitária do mundo. Você estaria realmente dentro de uma prisão. Esta é a experiência gnóstica do corpo como uma prisão. No meu entender, gnosticismo não é uma doutrina, é um conjunto enorme de doutrinas, inclusive contraditórias, que tenta expressar uma experiência, e esta experiência é uma constante da existência humana. [1:00] Todo mundo tem a experiência que nós tivemos e esta solidão corporal é um dos elementos fundamentais que induzem o sujeito a buscar alívio em teorias gnósticas que ele inventa para este fim.

Então, desde logo: nós não aguentamos viver fechados nos nossos corpos – se não fosse isso ninguém teria experiência sexual alguma. É claro que não é só o sexo que rompe isso. Quando você é pequeno seus pais carregam-no no colo e o enchem de carinho. Porque eles fazem isso? Por que um bebê está chorando, você o pega e o afaga, e ele acalma? É a experiência da solidão corporal: “ele não está se aguentando!” Ou seja: a situação de imanência (transcendência é o que está para além de nós e imanência é o que está só em nós) em nós mesmos é insuportável, desde que nascemos. Só que depois nós crescemos e ninguém mais nos pega no colo. E frequentemente nós vemos as pessoas viverem num distanciamento corporal absolutamente angustiante. Em uma praia brasileira um turista italiano foi preso como pedófilo por fazer um carinho na filha. Veja em que mundo nós estamos entrando! Você pode se travestir de mulher, se vestir de freira, ir à igreja e entrar na fila da comunhão, e ninguém pode reclamar disto, mas você não pode afagar a sua própria filha! É um mundo louco!

Esse contato assinala a absoluta necessidade de o indivíduo transcender os limites da sua corporalidade. E ele transcende na medida em que as sensações corporais dele são determinadas pelas sensações

corporais de outro. Isso acontece em qualquer relação sexual, mesmo nas mais doentias e mórbidas. Até no estupro isso acontece. O estuprador precisa que a sua vítima sinta algo, e isso que a vítima sente vai determinar o que ele sente. Isto acontece em qualquer relação sexual, por mais crua e elementar que ela seja. Há uma autotranscendência ali, de qualquer maneira. Até um psicopata, estuprador, tem essa experiência. Denominar isso de prazer é diminuir as coisas, porque isso é uma libertação do isolamento corporal.

Esses dois elementos [o contato e a liberação do isolamento corporal] estão sempre presentes.

Há um terceiro elemento presente, que é o elemento genético: em qualquer relação sexual você está colocando em movimento certos fluidos que contêm todo o seu código genético, quer você queira, quer não. Até o masturbador, encerrado no seu banheiro, é com esse material que ele está lidando, quer ele pense nisso ou não. Isto quer dizer que numa relação sexual existe o encontro de duas linhas de herança genética que vêm desde o começo do mundo. Isso acontece realmente, quer você pense nisto ou não. Isto é a substância real do ato sexual. Essas linhas que, em princípio são separadas, encontram-se, de modo que a transcendência da limitação corporal de cada um vai até muito além do círculo de experiência individual. Isto quer dizer que no ato sexual você está participando da história genética da espécie, mesmo que a sua relação não tenha “finalidade procriativa”.

Na verdade não existe finalidade procriativa: existe a realidade da procriação que está presente, quer você queira, quer não; e quer essa procriação se realize ou seja frustrada. Ela está presente necessariamente! O que quer dizer que no ato sexual o indivíduo se transcende — não apenas horizontalmente, no contato com o outro —, mas se transcende verticalmente, no sentido de toda linhagem genética que está presente ali. De certo modo é quase toda a humanidade que está participando daquilo. Note que isso não é um componente psicológico da relação sexual: é um componente substantivo. No instante em que se estabelece esse contato, fisicamente, ele tem uma série de acompanhamentos psicológicos que, em geral, são bem mais limitados do que a realidade do que está acontecendo. Quer dizer: aquilo que o indivíduo conscientiza — aquilo que ele sente conscientemente — não abrange tudo o que está acontecendo naquele ato. E o simples fato de não abranger impele o indivíduo a intensificar a experiência, porque ele sempre sabe que tem alguma coisa mais para lá: além daquilo que ele está sentindo tem mais; ele não sabe o quê, mas está presente. Quem tenha transado uma vez na vida pode confirmar o que eu estou dizendo. Existe sempre um “para lá”. Ou seja: existe uma espécie de tensão entre o que está realmente acontecendo e o círculo daquilo que as pessoas reconhecem e sentem que está acontecendo.

Existem também vários níveis de participação psicológica. Mas o que eu quero dizer com psicológica? Significa o que as pessoas estão pensando? Não! Você sabe que durante a maior parte do ato sexual não se pensa coisa nenhuma. Só se tem percepções. Isto significa que a atividade mental é reduzida ao mínimo. Ora, como é possível você sentir tanta coisa se a atividade mental está reduzida ao mínimo? Isto quer dizer que você está tendo ali o tipo de percepção que você tem no experimento de morte próxima. Dito de outro modo: as pessoas que estão se juntando estão “inteiras” ali, não está só a parte que elas sabem. São as duas almas imortais; são as pessoas inteiras. Note bem que isto acontece em qualquer relação sexual, mesmo a mais banal. Isto quer dizer que ela só pode ser banal no sentido que o indivíduo capta, e não no que está acontecendo. A parte psicológica, — o que os indivíduos envolvidos captam — frequentemente é tão reduzida que ela vira uma caricatura do que realmente se passou. [1:10] A imensa riqueza daquele acontecimento escapa às pessoas. Escapa porque a sua mente não está preparada para a realidade do que ela está vivendo. Depois, mediante uma palavrinha ou duas,

o indivíduo pode reduzir o significado do que se passou, mas nem por isso ele deixou de viver a experiência na sua totalidade.

Aí surge sempre o problema de como articular essa tensão entre o que efetivamente se passa e o que você absorve. Na medida em que existe uma insinuação da presença da alma imortal, é justamente neste momento — é justamente por este fator — que aquele momento da relação sexual lhe parece interminável, como se aquilo fosse durar para sempre... Ou como se aquilo tivesse abolido o tempo. Essa abolição do tempo equivale à diminuição da atividade cerebral, portanto à abertura para dimensões maiores. Isso está sempre acontecendo. Agora, a narrativa que a pessoa faz da experiência para si mesma pode ser extraordinariamente reduzida. Isto quer dizer que aqueles dois que participaram daquele ato, naquele momento, e que abriram um para o outro toda esta imensidão de experiência, podem não ser capazes de se comunicarem sobre ela depois. Quando você nota essa diminuição da atividade mental e, ao mesmo tempo, a ampliação da experiência, você entende a expressão bíblica “conhecer”. Abraão “conheceu” Sarah. Naquele momento ele sabe tudo a respeito de Sarah, e Sarah sabe tudo a respeito de Abraão, porque não são dois “eus” narrativos, ou dois “eus” sociais que estão num contato periférico, e também não são somente dois corpos que estão ali se esfregando. Os corpos estão se esfregando sim, mas através deles aparece tudo isso. Se fossem somente os corpos se esfregando, não se sentiria mais nada do que quando a própria pessoa se coça; ou quando uma pessoa coça suas costas.

Isto quer dizer que a riqueza do ato sexual pode se incorporar, em mais ou em menos, à sua experiência consciente; ao seu eu narrativo. Mas é claro que aí também existe uma espécie de comproporcionalidade: só é possível fazer isso junto; não dá para cada um fazer por conta própria. Isso quer dizer que, de certo modo, a sua percepção do que está se passando depende da percepção que a outra pessoa tem: ou existe um acesso consciente a essa dimensão mais vasta da parte de ambos, ou a percepção que cada um terá daquilo será diminuída. A comunicação se dá no nível do transcender a limitação do corpo: dá-se no nível do encontro genético; dá-se no nível na suspensão da atividade mental e aumento, paradoxal, da percepção; dá-se no contato entre duas almas imortais, ou seja, dois “eus” tomados na sua verdadeira e total realidade — não o “eu” subjetivo. E pode dar-se também, mas nem sempre, no intercâmbio consciente da experiência. Aí é que se cria um problema, porque isto não é possível com todo mundo nem a qualquer momento.

Existem também vários elementos periféricos, que não têm nada a ver com a substância do que está acontecendo, mas que fazem parte da accidentalidade. Por exemplo: a situação social na qual se dá esse ato: as pessoas são marido e mulher? São um par de amantes? São dois desconhecidos que se encontraram na esquina? Tem a interpretação que elas fazem da sua posição perante a sociedade naquele momento: nós estamos aqui totalmente protegidos do olhar intruso, ou tem gente sabendo? — Pelo menos o porteiro do motel está sabendo, hã! — Tem alguém maliciando o que estamos fazendo? Tem alguém invejando? E toda esta parafernália — que inclui as leis, o Estado, a moral, etc. —, interfere naquele ponto, e cria uma espécie de ruído. Esse ruído pode ser tão grande que ele abafa o que está se passando.

São esses os elementos que compõem a realidade da experiência sexual. Isto se obtém, não analisando o conceito de sexo, mas analisando a experiência do ato sexual. Analisando, decompondo e expressando. Eu creio que quando eu disse isso, naquela conversa, eu esclareci alguma coisa, eu acrescentei um algo que os demais interlocutores puderam reconhecer como verdadeiro, embora, talvez, nunca tivessem pensado nada disto.

A expressão da experiência é a coisa mais importante em tudo isto que estamos estudando, porque é só isto que garante que há alguma relação entre nossas ideias e a realidade. Em geral, a atividade pensante humana se desenvolve numa esfera sufocantemente verbal e formal: são palavras, são conceitos que se decompõem, e o substrato de experiência ali é pouco ou nulo. Eu garanto que sempre, sempre, sempre que alguém estiver falando de sexo por prazer, seja a favor ou contra, não sabe do que está falando; está usando meras palavras. Pode ser que a pessoa tenha alguma experiência real, mas como ela não se transpõe no campo da palavra, pode ser que a palavra acabe predominando sobre a experiência e o indivíduo acabe acreditando, não no que ele vivenciou, mas no que ele disse. Aquilo que nós dizemos sempre nos compromete. Tão logo nós damos um nome a uma coisa, nós nos comprometemos a olhar essa coisa sob o ângulo dessa definição, e frequentemente acabamos não enxergando mais nada fora o que está naquela definição. E daí a conversa virou o *cambalache*. *Cambalache* é a troca de objetos que não valem nada por outros que não tem valor nenhum. E é justamente disto aí que nos temos que fugir.

Por isso é que eu acho que a formação em filosofia é muito mais um problema moral e psicológico do que um problema de estudo. Muito mais a questão de ajustar o foco da pessoa para ela entender o que Platão estava fazendo com aqueles diálogos: ele estava tentando fazer isto! Quando a experiência se transpõe em linguagem técnica-filosófica, como começa a acontecer com Aristóteles e depois se consolida com a Escolástica, você está supondo todo um círculo de pessoas que participam das mesmas experiências em profundidade. Como, por exemplo, a experiência cristã da qual participavam todos os filósofos escolásticos, sem exceção. [1:20] Eles podiam usar aquela linguagem técnica porque eles tinham a certeza assegurada de que o campo de experiência era o mesmo. Quem pode ter esta mesma certeza hoje? Ninguém! Num estado de fragmentação cultural como nós estamos, onde existem abismos quase intransponíveis entre culturas – essa história de globalização cultural é um mito; isto não existe, absolutamente! Eu vejo, por exemplo, que cada vez mais, traduzir uma coisa do inglês para o português está se tornando difícil: não conseguem encontrar as palavras para transpor a experiência de um país para o outro. A exportação de cultura está ficando uma coisa impossível: transportam-se somente simulacros; só o que já é padronizado. Mas o verdadeiro intercâmbio está cada vez mais difícil. Do mesmo modo, como não existem mais esses círculos de intelectuais que podem, através de elementos acumulados da cultura, ter um intercâmbio efetivo das suas experiências. Nessas situações, você pode, na quase totalidade dos casos, presumir que não há um campo de experiência comum, e que, portanto, as palavras estão sendo trocadas por outras palavras, sem a substância de experiência. E isto é exatamente aquilo do qual queremos fugir. Isto não é possível de se fazer num ambiente universitário; em nenhum ambiente universitário do mundo!

Uma coisa que me espantou logo que eu cheguei aqui — o círculo de intelectuais que eu mais respeito aqui é o do Eric Voegelin Forum — eu cheguei aqui e comecei a acompanhar o noticiário e vi que nenhum deles estava entendendo o que estava acontecendo no caso da candidatura do Obama. Como é possível!? Pessoas tão inteligentes!? Então eu falava algumas coisas e eles diziam: “não, você é muito pessimista; você está enganado”. Passou um ano e todo mundo: “é, você tem razão!”. Isso quer dizer que a qualidade da formação intelectual não tem nada a ver com o que eu estou falando aqui. Se ela é adquirida no meio acadêmico apenas, você só tem intercâmbio profissional. O círculo pessoal de intelectuais — que são amigos, que se conhecem, e que podem trocar experiências em profundidade — esse é o verdadeiro campo de aprendizado. Não é a escola. Não é a universidade.

Eu contei a vocês que, quando eu dava aula no Rio de Janeiro, nós bolamos uma série de entrevistas com intelectuais brasileiros que tinham aparecido na década de 30 — a década de 30 e 40 foram as mais brilhantes da cultura brasileira. E a pergunta era “onde vocês aprenderam?” E a resposta, de todos, foi esta: “nos encontros pessoais”. Não foi na universidade. Mesmo aqueles que tinham estudado no

exterior, nas melhores universidades, não foi ali que aprenderam. Isto quer dizer que o encontro é a circunstância básica. Depois, investigando mais a história, eu vi que foi isso que aconteceu, por exemplo, entre os escolásticos; aconteceu na Áustria, no começo do século; isto aconteceu na época do romantismo alemão. Em vários momentos, onde teve um florescimento intelectual extraordinário, foi entre grupos de pessoas que se conheciam e que, às vezes, tinham até mais do que amizade: tinha até parentesco, um casava com a irmã do outro, coisas assim.

Eu queria que vocês aproveitassem essa coisa que existe no fórum, para tentar este tipo de convívio. Mas no Brasil isto não existe há muito tempo, ninguém tem prática disto, e as pessoas às vezes têm dificuldade de discernir o que é uma conversa de alto nível intelectual, no qual as pessoas não falam como profissionais ou como intelectuais públicos, mas falam com o coração na mão. Se você está filosofando, discutindo ideias, você não está exercendo uma função pública: tem que ser sua verdadeira pessoa que está ali presente, com toda a sua sinceridade e com toda a sua presença humana. Então, eu acho que esse fórum existe para isso, e aos poucos nós vamos ter que chegar lá.

Antes de responder às perguntas dos alunos, eu queria lembrar que, na aula passada, eu me referi a um falecido amigo meu, José Carlos Bardawil, e depois eu recebi da aluna Miriam Macedo, uma mensagem dizendo que ela conheceu o Bardawil, foi muito amiga dele, trabalhou com ele no Globo. Fiquei muito contente com isso. É sempre bom descobrir essas afinidades. O Bardawil foi realmente uma perda, e acho que foi o jornalista mais sério e mais honesto da geração dele, além de escrever maravilhosamente. Foi uma perda mesmo!

Vou começar respondendo a pergunta do Lucas Lacerda. É uma pergunta de ordem técnica muito importante.

Aluno: A primeira leitura dos diálogos de Platão que eu faça, deve já considerar os esclarecimentos de Giovanni Reale quanto aos ensinamentos não escritos? Pergunto isso porque as alusões às doutrinas não escritas deixadas nos diálogos faz com que Giovanni Reale dê a tais passagens um sentido que certamente passa despercebido ao leitor desavisado.

Olavo: O que mais importa é esse enriquecimento imaginativo que você obtém direto da primeira leitura, ainda que ela o leve a imaginar as coisas não exatamente como Platão as dizia; ainda que você, com isto, tenha acesso não ao platonismo histórico, mas apenas ao seu platonismo pessoal, que pode ser um pouco diferente do platonismo de Platão. Mas, se você não cria primeiro essa experiência imaginativa sua a partir do texto, qualquer tentativa de você corrigir a sua interpretação à luz dos dados históricos ou filológicos só vai atrapalhar, porque você vai operar em cima do nada. Quer dizer: esse filologismo prematuro mata a inspiração filosófica. O Mário Ferreira dos Santos conseguiu fazer aquela maravilha que é o livro “Pitágoras e o Tema do Número” justamente porque ele não tinha informações históricas precisas que esclarecessem algum ponto sobre o pitagorismo. Ele diz: “Eu não sei se esse meu pitagorismo está de acordo com o pitagorismo histórico; eu estou dizendo, não o que Pitágoras efetivamente pensou, mas o que ele deveria ter pensado”. E graças a essa liberdade ele pode criar aquilo. É claro que se houvessem documentos para esclarecer todos os pontos, ele teria obrigação de, depois de inventar a sua interpretação pessoal do pitagorismo, fazer a referência histórica, mas não antes. Então, à pergunta: “*a primeira leitura dos diálogos de Platão que eu faça, deve já considerar os esclarecimentos de Giovanni Reale quanto aos ensinamentos não escritos?*” a resposta é, definitivamente, não! Esqueça a filologia, esqueça a história, e leia o texto como se você estivesse lendo um romance, uma obra de ficção, e deixe que ele fecunde a sua imaginação. Pouco importa que o seu entendimento de Platão vá parar longe do Platão histórico. Mesmo que isso aconteça, você nunca

estará sendo totalmente infiel, porque não há uma interpretação final de nenhuma filosofia. Toda filosofia é uma matriz de outras filosofias possíveis. Ela é isso na sua própria origem. Se você, lendo Platão, chegar a alguma ideia que Platão nunca teve, mas que ele poderia ter tido, você estará dentro do espírito do Platonismo, e é isso que interessa. Agora, esta fidelidade externa ao texto, essa obsessão à fidelidade textual, confunde a filosofia com a filologia ou com a história. [1:30] No texto filosófico o que você deve buscar, sempre, é a dimensão de veracidade e a inspiração; não a exatidão histórica. A exatidão histórica é uma segunda preocupação que você deve ter depois de ter composto toda essa constelação imaginária; depois que ela já se tornou bastante rica e poderosa, aí sim, você pode corrigir detalhes, se você tiver interesse histórico ou filológico. Se não, não! Veja que, com frequência, os grandes filósofos são maus historiadores dos outros filósofos. Quando você lê São Tomás de Aquino, ele modificou um bocado o Aristóteles, mas graças a essa modificação ele construiu aquela catedral maravilhosa. Às vezes a interpretação que ele dá não é exata, até porque São Tomás de Aquino não podia ler no original, por não saber grego. Um amigo dele, o Reginaldo, traduzia e ele lia em latim. E escrevia seus comentários em latim também. Então muitas vezes ele falha na precisão histórica, mas as falhas de precisão dele são absolutamente preciosas, porque desenvolve outras ideias que Aristóteles não teve mas deveria ter tido.

No caso, por exemplo, do estudo que eu fiz sobre Aristóteles, eu usei primeiro um método e depois o outro. Primeiro eu permiti que aquilo me inspirasse, e que as analogias aparecessem sozinhas. Só muito tempo depois é que eu fui conferir se era realmente assim no texto de Aristóteles. Para minha grande surpresa, era. Eu achei que eu estava inventando um Aristóteles, pensando aquilo que Aristóteles deveria ter pensado para ser coerente com os propósitos dele. Mas depois eu vi que era possível obter a confirmação daquilo nos próprios textos. Confirmação que é limitada, mas, no fim, eu cheguei à conclusão de que não pode ter sido de outra maneira. Se o próprio Aristóteles não percebeu a unidade da teoria do discurso que está subjacente a tudo o que ele escreveu, então esta teoria do discurso estava presente ali inconscientemente, orientando tudo o que ele fazia. Pouco nos importa saber se isso foi consciente ou inconsciente: o fato é que está lá.

Então, deixe as preocupações de ordem filológica para depois. Você tem que fazer aqui o contrário do que se faz na USP. Por que a USP, em setenta anos de existência, não produziu um único filósofo? Nenhum! Um gasto obscuro de dinheiro público para ficar fazendo masturbação intelectual! Da produção intelectual da Faculdade de Filosofia da USP só o que se salva é o livro do Lívio Xavier sobre Descartes, que foi escrito por um sujeito que não estudou na USP. Que era professor da USP, mas que não estudou lá. Quando chega ao ponto de surgir aquele livro do Paulo Eduardo Arantes, “Departamento Francês de Ultramar”, que é uma meditação sobre a esterilidade filosófica do Departamento de Filosofia da USP... Olha: quando o máximo que você produz é a meditação sobre a sua própria impotência... Eu me lembro do filme “A Primeira Página” — uma comédia de **Walter Matthau** e **Jack Lemmon** —, em que um personagem leva um tiro nos testículos e fica milionário com um livro “As Delícias da Impotência”. Isso aí é a USP!

Aluno: O senhor disse que um componente básico da relação sexual é que as sensações e reações sexuais de um determinam as reações e sensações do outro, mesmo nos casos mais doentios. Entendo que normalmente é assim, porém a existência do fenômeno da necrofilia não indicaria que não é necessariamente assim?

Olavo: Não! A inevitável ausência de reação do cadáver é a reação esperada. Senão bastaria o necrófilo não transar com ninguém. Para que ele precisa da presença física de um cadáver? Porque ele quer uma

resposta. Ainda que essa resposta seja a de uma ausência. Na verdade, se pensar bem, é uma resposta de uma intensidade tremenda! É uma coisa terrível isso aí!

Aluno: A partir de algumas leituras sobre estética, deparei que linguagem é abstração, no sentido de que ela pode falar das coisas, mas nunca chegar a ser as coisas. Por isso uma vivência estética será sempre uma experiência em que entramos em contato com as coisas, sem a intermediação da linguagem. A linguagem nos conduziria até um determinado ponto. O mundo da linguagem seria um aquário no qual estaríamos imersos e a estética se daria em todos os momentos em que puséssemos o nariz um pouco para fora desse aquário. A pergunta é: um desavisado não poderia viver tão imerso nesse aquário da linguagem a ponto de ingressar num segundo mundo? O filme “Matrix” não poderia ser entendido como uma crítica da imersão nesse aquário?

Olavo: Vamos por partes. É evidente que a finalidade da linguagem não é expressar totalmente a experiência, mas apenas dar os pontos de referência pelos quais uma segunda pessoa possa, apelando à sua própria memória, reviver uma experiência análoga. A possibilidade da linguagem depende de que exista uma imensa comunidade de experiências não linguísticas. A começar pelas próprias experiências sensíveis: se você retirar os elementos sensíveis do mundo, e sobrar só a linguagem, a linguagem não quer dizer absolutamente nada. Embora a linguística moderna tenha sido toda desenvolvida na base de que a linguagem é um sistema, ela nunca é um sistema completo; ela é um sistema com rombos imensos, preenchidos por um treco chamado mundo. Se você começa a estudar linguagem como um sistema, então uma palavra se refere a outra palavra, que se refere a outra palavra, dá impressão que você está lidando com um universo estritamente linguístico, mas esse universo jamais existiu. Mesmo porque, você não nasce sabendo falar: você tem que aprender a linguagem. Você a apreende através de sons que em si mesmos não são linguagem. Isto quer dizer que se não existe uma percepção pré-linguística, não é possível aprender a linguagem. Digamos, se uma criança não é capaz de distinguir entre duas bolas, uma vermelha e uma azul, como você vai ensinar as palavras vermelha e azul para ela? Todo o universo das distinções linguísticas se apoia numa imensidão de distinções pré-linguísticas sem o qual aquilo não faria o menor sentido. Não existe a linguagem como um todo fechado, como um aquário. Isso é absolutamente inconcebível, uma fantasia que só existe na cabeça de malucos como Ferdinand Saussure. O que não quer dizer também que a linguística dele não tenha valor nenhum. Tem algum valor como analogia.

O negócio do Matrix é o seguinte: o Matrix dava a impressão que era uma crítica a um mundo artificial. Mas acontece que ele concebe o mundo artificial em termos insultuosos à inteligência humana. A falsificação total seria como fazer um segundo universo em cima do mesmo universo. Em que sentido você poderia dizer que isso é uma falsificação? Toda e qualquer falsificação se apoia numa infinidade de elementos verdadeiros. Qualquer mentira se baseia num monte de premissas verdadeiras, sem as quais ela não poderia sequer ser formulada. Não é da natureza do falso poder encobrir a realidade como um todo: não é essa a sua natureza nem é essa a sua função. Santo Agostinho dizia que nada agrada mais aos demônios do que aumentar o poder deles. A falsificação total do Matrix, longe de ser uma crítica à falsificação, é uma falsificação ela própria. Parece que está denunciando um mundo falso. Mas não existe um mundo falso. Não pode existir. Pode existir apenas um campo imaginativo semântico falso, pequenininho, dentro do mundo real. Se não estiver dentro do mundo real, não tem como: mentir num mundo inexistente, não é mentir! A mentira só é mentira se é dita num mundo real. Ela pressupõe personagens reais e um interlocutor real. Se um sujeito inexistente mente para outro que é puramente imaginário, não aconteceu absolutamente nada. [1:40] O fato de que as pessoas vejam o Matrix como uma crítica a um mundo artificial fechado é aí que está a gravidade da coisa, porque o Matrix não é isso. Ele está embotando sua capacidade de distinguir entre o verdadeiro e o falso.

Aluno: Como aquela gravura renascentista da Máquina do Mundo que você reproduziu no “O Jardim das Aflições”?

Olavo: Exatamente. Ele está lembrando a gravura da Máquina do Mundo que eu reproduzi no livro “O Jardim das Aflições”. Quando o indivíduo, imaginativamente, “transcende” o mundo das aparências e concebe o mundo como uma máquina, ele acha que subiu de nível. Só que máquinas são coisas que existem dentro do mundo. Então ele está se enganando como um cachorro correndo atrás do próprio rabo! A crítica à falsificação tem que, primeiro, mostrar onde ela está dentro do mundo; tem que repor a falsificação dentro do mundo real. Agora, se a falsificação é total, e ela “comeu” o mundo, então não há mais mundo. E isto é materialmente impossível. Você pode, por exemplo, pegar uma comunidade, uma sociedade inteira, e manter todo mundo enganado a respeito de um ou outro ponto. Não a respeito de tudo. Isto quer dizer que a mentira é sempre um fragmento da realidade. Ela é uma vivência específica que você tem dentro da realidade e ela é também um componente da própria realidade. Ela não tem um império próprio. Se você diz que há um império próprio, de certa forma você transformou o diabo no criador do mundo: ele não pode criar o mundo! A falsificação total é uma contradição de termos. Às vezes eu mesmo uso a expressão “empulhação total”, mas não quer dizer que seja uma empalhação que abrange tudo: quer dizer que ela é integralmente uma empalhação e não que seja uma empalhação de tudo.

Aluno: O Senhor conhece o trabalho do cantor canadense Leonard Cohen?

Leonard Cohen é maravilhoso! Eu devo isto ao Rodrigo Simonsen que me mostrou Leonard Cohen e eu fiquei absolutamente encantado. Maravilhoso! E são melodias que você guarda facilmente. Aliás, muitas delas parecem como se fossem faladas, e eu acho que pode ter uma função muito boa para a memória.

Aluno: Tenho feito várias vezes o seguinte exercício: antes de dormir olho o relógio e digo a mim mesmo que preciso acordar tal hora, e acordo um ou dois minutos, ou até mesmo segundos, antes do relógio despertar. Quem me acorda não seria a alma imortal? Como minha mente poderia acordar se estou dormindo?(...)

Não é propriamente a alma imortal; é apenas um departamento mais profundo da mente, que tem algum contato com a alma imortal. Mas ainda é um processo mental. No entanto a experiência da percepção extrassensorial não é tão rara: quando você ouve uma música você tem percepção extrassensorial; quando você tem um ato sexual, você tem percepção extrassensorial. Algum acesso à percepção extrassensorial todo mundo tem. Mais ainda: muito da percepção sensorial se baseia em percepção extrassensorial. Você tem uma ou outra percepção, mas o que as articula é um fator extrassensorial sem o qual as percepções não teriam sentido. A psicologia experimental moderna começa com Fechner. Ele queria medir onde termina o elemento físico e começa o psíquico. Então, ele fez o experimento de estourar um flash no seu próprio olho (ele usava a si mesmo como cobaia) e medir quanto tempo aquela aura permanecia visível para ele. Se a intensidade da luz era sempre a mesma, então, a duração da aura deveria ser sempre a mesma. Se houvesse uma variação, não seria explicável fisiologicamente; haveria outro elemento. Essa experiência, por interessante que ela seja, é também uma espécie de círculo fechado — é correr atrás da própria cauda — porque você está querendo captar no nível sensorial o elemento não sensorial, e eu acho que ele não se deixa apreender assim; ele só se deixa apreender quando você o aceita. Por exemplo: quando você aceita que você está sabendo de coisas às quais você não teve acesso sensorial.

Eu gostaria de traduzir esse livro do Zuckerkandl, mas eu não tenho conhecimento suficiente de teoria musical para traduzir certos elementos: a própria surdez tonal — *tone deafness* — não sei como se diz isso em português; e colocar, como apêndice do livro, essas experiências mais recentes, onde se vê que neurologicamente não há diferença entre a reação do sujeito que tem surdez tonal e da pessoa que percebe a melodia. Então, quem percebe a melodia? É uma experiência banal e basta isso para mostrar a importância enorme da música para a vida humana e a civilização. Ela é um acesso direto à percepção extrassensorial, ainda que não pareça.

Aluno: (...) Longe de mim querer ou mesmo poder comentar Louis Lavelle com o senhor, mas tem uma passagem na introdução que, se não estou errado, tem a ver com as duas últimas aulas. (...)

Olavo: Ele se refere ao livro “A Presença Total”. E ele prossegue, citando Louis Lavelle:

Aluno: (...) “É, parece-nos, uma espécie de postulado comum à maior parte dos espíritos, que nossa vida se esvai no meio das aparências, e que não saberemos jamais coisa alguma do próprio ser. Assim, como não teria esta vida aos nossos olhos um caráter de frivolidade? Faz de nós espectadores de um mundo ilusório que não cessa de se formar e de se dissolver, face ao nosso olhar e, atrás do qual, suspeitamos um outro mundo, o único real, mas com o qual não temos qualquer contato”. Cada vez mais concordo com o senhor: Louis Lavelle é demais, nos deixa sem palavras, tudo o que eu disser é como chover no molhado!

É, de fato o Lavelle tem isso, e eu acho a coisa mais admirável no Louis Lavelle essa capacidade de transposição da experiência — às vezes da experiência mais íntima, mais pessoal — numa linguagem filosófica de valor universal da maior qualidade. Isto o Lavelle consegue fazer. Mas, o último ponto: “o outro mundo com o qual nós não temos qualquer contato”, nós temos contato sim! O próprio Lavelle sabe disso, e ele mesmo vai dar aberturas para isso. Se você ouviu música e entendeu a melodia você já teve contato com o outro mundo, ainda que você não se dê conta disso. Só a análise da experiência lhe mostrará que este elemento extrassensorial está presente, assim como a análise do ato sexual mostrou que nele há muito mais do que o elemento aparentemente sensível poderia abranger.

Aluno: Porque o Senhor se referiu ao Mário Ferreira dos Santos como um escolástico, quando ele não se integra propriamente no movimento neoescolástico? (...)

Bem, em primeiro lugar eu disse “escolástico” e não “neoescolástico”. Ele é um escolástico no sentido em que São Tomás de Aquino foi um Escolástico. Ele está raciocinando com as técnicas da Escola: a Lógica aristotélica, a Dialética etc. E ele domina essas técnicas tão bem como faria um escolástico no tempo de São Tomás de Aquino: o Duns Scott. E, em segundo lugar, o grande objetivo da vida dele foi, como disse o autor da Enciclopédia Filosófica de Gallarate — Gallarate é um importante centro filosófico na Itália. Tem lá uma Enciclopédia, na qual tem um verbete sobre Mário Ferreira dos Santos. [1:50] Ele foi verbete em enciclopédia na Itália e até hoje não é verbete de enciclopédia no Brasil — lá, um padre que viveu muito tempo no Brasil, diz que “A filosofia do Mário é uma síntese de escolástica e pitagorismo”. Mais certo seria ele dizer “platônico-pitagorismo”. Isto foi o que o Mário realmente quis fazer: ele quis pegar aquela filosofia escolástica e puxar a sua raiz platônica. É um trabalho pelo menos tão importante quanto foi, historicamente, o de Al-Kindi, com o negócio da conciliação de Platão e Aristóteles. Como colocar isto fora da tradição escolástica? Eu não vejo como! Embora não esteja dentro dos desenvolvimentos que a escolástica recebeu no mundo moderno, que são, por assim

dizer, desenvolvimentos diminutivos. A neoescolástica não tem a grandeza e a abrangência da escolástica, exceto em certos momentos memoráveis, como as obras do Pe. André Marc, que embora seja o menos conhecido dos escolásticos, para mim é o maior deles. São dele: “Psicologia Reflexiva”, “O Ser e o Espírito” etc. Ele escreveu cinco livros memoráveis!

Aluno: (...) Também gostaria de saber se o Senhor conhece a obra de Raimundo Farias Brito (...)

Olavo: Conheço muito mal, mas tenho ideia do que você está dizendo.

Aluno: (...) Ele parece que construiu uma obra capaz de superar o positivismo e o evolucionismo, que dominava a cultura brasileira e sua época, mas fundamental na reestruturação do pensamento católico (...)

Olavo: Sem sombra de dúvida! Este é um camarada que merece muita atenção! Tudo o que se fez de filosoficamente valioso no Brasil e na língua portuguesa deve ser recolhido com muito carinho, lido com muita atenção. Isso de certo modo já responde a pergunta seguinte:

Aluno: (...) Algumas vezes o Senhor fez referências positivas, acompanhadas de ressalvas, às obras de Vicente Ferreira da Silva. Gostaria de saber quais são os pontos positivos dessa obra (...)

Olavo: O Vicente Ferreira da Silva é, em primeiro lugar, um sujeito que teve vários recomeços e é um exemplo no mínimo moralmente relevante de busca da verdade, e de capacidade de se corrigir infinitamente. Acho que ele teve quatro começos. É uma carreira parecida com a do Schelling, que começava de um jeito, dava errado, começava de novo. Como era Voegelin, também. Apesar de eu achar que a obra do Vicente é mínima, somada dá umas 1200 páginas, não mais do que isto, porque ele morreu cedo, num desastre de automóvel. Mas note que ele começou como um membro da escola analítica — positivismo lógico — e terminou com especulações schellinguianas sobre a origem espiritual das civilizações. Só com este trajeto ele já deu um exemplo: ele não é qualquer um! Ainda que, do conteúdo positivo da filosofia dele, você não possa concordar com quase nada, sempre tem sugestões valiosas e tem sobretudo esse exemplo pessoal.

Aluno: (...) Por fim gostaria de saber se conhece o trabalho de Lourival Vila Nova, pensador brasileiro que ganhou muito relevo no atual cenário cultural graças a um professor de Direito da PUC-SP e da USP, chamado Paulo de Barros Carvalho.

Olavo: Sim, todo mundo ouviu falar do Lourival Vila Nova, pensador pernambucano, mais ou menos na década de 40 ou 50. Eu sei que tem alguma importância, mas não tenho as obras dele, só conheço de ouvir falar e sei que merece atenção. Mas, estão dizendo que era *o maior pensador da América Latina, o maior filósofo das Américas...* Eu duvido: isto simplesmente não pode ser, porque um Mário Ferreira dos Santos só aparece uma vez a cada século. Se teve dois, então o Brasil é Atenas! Não é possível! Quer dizer: seriam contemporâneos, hã?

Aluno: (tirando conclusões das coisas que eu disse na outra aula) Dessa maneira, qualquer suposta comunicação entre a mente e o mundo, que se abstivesse de contar com a alma imortal e a unidade do real, não passaria do roto falando com o esfarrapado?

Perfeitamente! Ai você está em pleno mundo da irrealidade! Esse famoso problema de mente e corpo: aqui nos EUA existem milhares de livros discutindo esse problema; e eles querem achar uma ligação

direta entre mente e corpo. Não é possível achar isto! É como você tentar estabelecer uma relação biológica entre laranja e preço da laranja. Não há essa relação! Ela se articula através de um terceiro elemento. Você precisa transcender essa ideia de mente e do mundo sensível, para você subir ao nível onde essas coisas estão articuladas. Eu penso assim: quando aparece alguém analisando essas coisas, a minha pergunta é: “quem é você?”, “quem está falando?”, “Quem dentro de você está dizendo essas coisas?” Se disser: “é minha mente”, então eu digo: você está falando só da mente, e não do mundo. Ou você é superior ao mundo e vai julgá-lo, ou então você só pode falar da sua mente. Não tem sentido você falar do mundo. Se você não se eleva ao plano da alma imortal você não tem nada para falar do mundo. Nesse sentido, você está dentro do mundo, encerrado dentro do mundo como está encerrado no seu corpo. Para falar disso você tem que se elevar vivencialmente a outra coisa, você tem que sentir, tem que ter esta experiência real. Senão você nunca vai saber quem, de dentro de você, está falando.

Aparecem sempre muitas perguntas sobre a teodiceia: a justificação do bem, a justificação de Deus. Não é o assunto da minha preferência, porque eu espero que Deus me justifique, e não que eu tenha de justificá-lo.

Aluno: a danação não seria o desejo humano de ver o diferente, o oposto, o inimigo ser extinto?

Bom, eu não posso imaginar um céu aonde eu vá me encontrar com Josef Stalin, Adolf Hitler ou Mao Tse-tung. Se eu chegar lá e eles estiverem lá, vou ficar seriamente desconfiado de que é o inferno. São Tomás de Aquino diz uma coisa que hoje parece chocante: “os eleitos verão os condenados no inferno e terão satisfação nisso”. Isso quer dizer que a punição de determinados indivíduos é uma exigência essencial da ordem do mundo. Se não existir essa punição não pode existir a bondade eterna; certas coisas são incompatíveis. Agora hoje em dia nós partimos de um preceito de Jean-Jacques Rousseau: todo mundo é bom.

Então, por enquanto eu não responderei a perguntas referentes a Teodiceia. Não me perguntem isso. Eu gostaria de abordar esse assunto mais adiante e de maneira mais técnica, a partir de certos textos clássicos, como a própria Teodiceia de Leibniz, algumas páginas maravilhosas do Joseph de Maistre, que é um autor que eu não sigo muito, mas que de vez em quando ele acerta na mosca.

Aluno: Por que persiste tanto o mito do contrato social?

Persiste porque é uma muleta. Se você disser que a sociedade surge do contrato social, eu pergunto: e de onde surge o contato social? Da sociedade! Quer dizer: a existência do contato só é possível dentro de uma sociedade. Então, como a sociedade poderia ter se originado do contrato? Isso aí é não falar nada; é um *flatus vocis*. Mas como é um recurso fácil, é uma figura de linguagem, filósofos de quinta categoria como John Locke apelam a essa coisa. [2:00]

Aluno (sobre a aula 56, segunda parte): o senhor lá pelas tantas diz que ‘se você raciocina a partir da doutrina, você é obrigado a tomar posição sobre coisas que você não está compreendendo, e isto é uma coisa que realmente eu não gosto de fazer’. Não é assim, por exemplo, na física, ou mesmo no Direito, que teoricamente não tem nada a ver com a ciência da física? Aliás, não é assim em praticamente tudo? (...)

Sim, de fato é assim em praticamente tudo, com a diferença que, quando você toma a posição em torno de coisas que você não está compreendendo, você sabe que não está compreendendo e que esta posição não é uma posição, é uma hipótese. Hipótese significa colocar uma coisa embaixo da outra. Quer dizer:

you are basing your opinion on something that you don't know, but you know that you don't know, and you know that this foundation is provisional and perhaps you will change it many times. But, when you take a position starting from a doctrine given, that you have accepted integrally as true, then you don't think that it is only a hypothesis. If you deduce everything clearly starting from the doctrine you have that you find that it is in the truth. And the person who does this forgets the following: starting from a single sentence you can deduce millions of things, of which some will be true and others will necessarily be false. This impression of certainty that people have when they reason, for example, starting from the doctrine of the Church, being Catholics, this impression is tremendously illusory. Even because — I will remind you again — you cannot forget that this doctrine came being elaborated along the centuries by people who had a way of living of their own very different from what we have today, to start with the permanent consciousness of the immortal soul. The language of them does not fit with the language of today. You have to do certain inner enrichment to know what they are saying. Besides that, in the course of time the language of cultural and philosophical debates became much richer and more complex. Today we have to express certain differences of nuances that in the time of Saint Thomas of Aquino, to not speak of Saint Augustine, were irrelevant. They could say things in a way much more compact than we, and today we have to unfold. I even gave an example here of how a single sentence from the “Summa Contra Gentiles” was insinuating so much, so much, that the simple literal sense of the sentence did not say, but that I have certainty that Saint Thomas of Aquino, when he said that sentence, he was evoking everything for himself; that was clear for him because it was part of his inner world every day. So this imaginative effort is always absolutely necessary.

Aluno: (...) As pessoas, de modo geral, não são constantemente obrigadas a tomar posições sobre coisas que não estão compreendendo?(...)

This happens in practice, but I don't want to say that this is an ideal for the student of studies. In truth, for example, a judge when he pronounces a sentence: rarely I saw a judge pronounce a sentence about something that he understood perfectly well. Because I also saw a judge presiding over three hearings at the same time! He would leave a room, go to another, and to another, and then return. He didn't understand absolutely nothing of what happened, and, nevertheless, he had to sign. Or a ruler who is obliged to make a decision; or a military commander in the field of battle. But one thing is to make a decision, or to take a position, about something that remains for you a mystery because you don't have all the data; another thing is to take a position about what you don't understand. If you don't understand, you don't know what are the missing information and you don't have an idea of the coefficient of risk that is in that decision and this is what will separate the irresponsible subject from the real man of action. If you study, for example, like Napoleon, he made decisions in the field of battle: he knew how to play very well with the unknown factor. Clear that he never had all the information. He didn't have time to have all the information. So you have a margin of risk. Now, if you feel this margin of risk, you cannot say that you don't understand the situation. You don't have the information, but you understand perfectly well, within the universe of available data. It is what we do; and we don't take a position about what we don't understand. We take a position about things that we don't know in their entirety, but not about what we don't understand. I mean to say: you know what is the coefficient of ignorance and, therefore, to know what is the margin of risk, is comprehension. Sometimes it is the highest comprehension that you can have of something.

Aluno: (...) não é o negar-se a fazer isto, a própria atitude filosófica, por assim dizer?

Sim. A recusa de você decidir sobre o que não sabe é a própria atitude filosófica. Mas, como você tem que se envolver com ações praticas, você não pode ser somente um filósofo, mas também um homem de comando, que toma decisões de risco.

Aqui tenho uma pergunta ortográfica.

Aluno: O senhor justifica escrever a palavra “mussulmano” com dois “s” porque isso reflete a etimologia. Mas no artigo “Arte Sacra e Estupidez Profana” o senhor utiliza o “ç”.

Olavo: Bom, uma coisa é escrever e publicar meus próprios livros, outra é mandar meu texto para o jornal. Se eu mando “mussulmano” com dois “s” os caras do jornal, imediatamente, trocam por “ç”. E aí eu tenho que me dar por derrotado, porque eu não vou conseguir ter uma discussão filológica com cada editor de página que eu encontro pela frente. Num livro meu eu uso isso por requinte, mas também não é coisa tão importante assim.

Aluno: A experiência de percepção da alma imortal que o senhor expôs na aula 57, do dia 08 de maio, lembrou-me de uma experiência oposta que eu costumava fazer há mais de 15 anos em meus tempos de ateísmo: eu tentava imaginar o fim da minha vida terrena e a consequente extinção das minhas memórias, das minhas emoções, de minhas decisões morais e do que de mais alto e elevado houvesse em minha pessoa. O senhor sabe como os ateus gostam de se ver como pessoas elevadas (...)

Olavo: É mesmo; eles falam assim: vocês só fazem coisas elevadas porque temem o inferno; eu faço o bem pela minha própria natureza, espontaneamente. Esses caras são lindos! É uma coisa incrível!

Aluno: (...) O que eu experimentava era inicialmente medo, seguido por uma angústia profunda, mas o que mais me chamava atenção era uma sensação de irrealidade, de impossibilidade metafísica, por assim dizer, como se a permanência do meu eu, que ultrapassava a transitoriedade da vida, devesse também que superar a morte. Quando abandonei aquela tolice de juventude e retornei também à Igreja Católica, refiz a experiência e a compreensão de que a extinção da minha alma, agora entendida como imortal, era, de fato, uma impossibilidade metafísica, me encheu de uma alegria profunda e intensa.

Alegria, mas também de temor, meu filho, porque se você é imortal, quer dizer que você pode ser imortal no inferno. **[2:10]** A experiência da alma imortal é importante para mostrar qual é o verdadeiro plano da responsabilidade humana. O que faz a opção pela salvação ou pela danação é a alma imortal. Não é este nosso “eu” biográfico. O “eu” narrativo, o “eu” social, têm uma visão muito precária do que seja o bem, o mal, do que seja o círculo das suas responsabilidades; mas a alma imortal está enxergando praticamente tudo o que lhe interessa enxergar, e quando ela decide é com total consciência de causa, ou seja: a rebelião da alma imortal simula a rebelião do próprio satanás. O satanás não escolheu o mal por ignorância. A alma imortal faz escolhas desse tipo, e aí sim é uma coisa gravíssima.

Tenho aqui um comentário do aluno Hélio Rodrigues Pereira, que preciso ler:

“Numa aula foi abordada a questão de como seria a dimensão espiritual e como seria a comunicação entre os espíritos. Penso que formulei uma hipótese que pode descrever um quadro coerente: a história da criação do mundo é a história de uma realidade que vai se tornando cada vez mais dócil aos anseios dos espíritos que atuam no mundo a partir de uma existência inicial precária, e projeta na matéria a luta para conseguir o milagre da comunicação. Um espírito não pode alterar a si mesmo. Não pode refletir.

Um espírito é puro impulso que precisa ser refreado pela matéria para que possa se alterar. Uma comunicação entre dois entes implica em alteração, em reflexão, e não havendo nada que possa refrear o espírito então eles não podem se comunicar e isso é inferno. Portanto, se não há matéria é preciso haver um mediador entre os espíritos para que eles se comuniquem, e a Eucaristia poderia ser a simbolização do mediador apresentando-se como substituto da matéria para mediar a comunicação; e a comunicação universal entre os espíritos é o Céu. O ato da confissão e da remissão dos pecados é da mesma natureza que o instrumento de comunicação entre os anjos. Deus os refaz para inserir em cada ente a mensagem do outro. Os demônios, afastados do mediador, só podem comunicar entre si mediante possessão dos corpos. Quando as pessoas morrem, elas tornam ao estado final com que estavam e se estiverem desconectadas do mediador vão para a solidão absoluta. Não podem se refrear e, como disse Dante, tomam o caminho que já escolheram pois suas escolhas não podem ser refeitas”

Comentário único: Hélio Rodrigues Pereira, você está se tornando um gênio teológico! Eu não sei se sua teoria está certa, mas isso aqui é maravilhoso. Continue examinando a coisa. Isso aqui é um esforço muito sério que você fez.

Está tarde. Vou terminar por hoje. Muito obrigado! [2:13]

Transcrição: Ivo Naves, Juliana Rodrigues
Revisão: Eduardo Garcia de Queiroz